

## O PRINCIPADO DA POESIA NO BRASIL E EM GOIÁS

**Elizabeth Abreu Caldeira Brito** (PUC Goiás)<sup>1</sup>  
**Maria de Fátima Gonçalves Lima** (PUC Goiás)<sup>2</sup>

**RESUMO:** A história do principado da poesia brasileira se inicia em 1907. Do primeiro: Olavo Bilac, seguiram-se: Antonio Mariano Alberto de Oliveira, Olegário Mariano Carneiro da Cunha, Guilherme de Andrade de Almeida e o atual, Paulo Lébeis Bonfim. Goiás também tem o reinado da poesia brasileira feita por goianos, que se iniciou com Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira e depois: Cyllenêo Marques de Araújo Valle – Léo Lynce, José Xavier de Almeida Júnior e Gilberto Mendonça Teles, o atual Príncipe dos Poetas Goianos, *ad vitam*. A proposta desse estudo é traçar o perfil histórico e literário do Principado da poesia no Brasil e em Goiás, enfatizando a força estética, a meritocracia e a literariedade dos textos poéticos desses poetas.

Palavras-chave: Poetas; Poesia; Títulos; Arte; Palavra.

### O principado da poesia brasileira


O principado da poesia brasileira tem início em um concurso promovido pela Revista Fon-Fon, do Rio de Janeiro, que circulou de 1907 a 1958, onde vários intelectuais de todas as regiões, elegiam escritores / poetas, de notável reconhecimento, para receberem a honraria *ad vitam*. Ou seja: só após sua morte outro poeta é ‘empossado’.

O nome da revista, lembrando o som de uma buzina de carro, Fon-Fon!, sugere a chegada do século XX com suas mudanças e inovações, na então, capital do país: Rio de Janeiro. As novidades eram visíveis em várias áreas, quais sejam: na industrial e tecnológica: com os automóveis alcançando velocidades incríveis à época; na urbanística: construções que modernizavam a paisagem da cidade, como a construção da Avenida

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras pela PUC Goiás. Possui graduação em Educação Física pela Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás (1978) e graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1983). É Chefe de Gabinete, Sócia Titular e 2ª Vice - Presidente da Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. É estatutária na Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esportes. Tem experiência nas áreas de: Educação, Educação Física e Psicologia com ênfase em Educação Especial. Foi professora e coreógrafa em Dança Moderna e jazz. É escritora. Tem livros publicados em poesia e prosa. Publicou e/ou organizou 12 livros. É articulista do jornal Diário da Manhã onde mantém a página semanal, Oficina Poética, desde janeiro de 2012, dedicada à poesia e às artes plásticas. É Conselheira Presidente do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de Goiânia. É Acadêmica, dentre outras, da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás e da Academia de Letras do Brasil.

<sup>2</sup> Prof. Dr. Orientadora da mestranda.



Central pelo Prefeito Pereira Passos; na cultural e social: onde a irreverência e as mudanças de comportamentos e atitudes marcavam a época.

A Revista inovou com seus textos audaciosos, bem-humorados e irreverentes. À ela os créditos da criação e honraria ofertadas aos grandes poetas brasileiros, cujo título “*Príncipe dos Poetas*” perdura até os dias atuais.

Da publicação Cadernos de Comunicação (Série Memórias), da Prefeitura do Rio de Janeiro, sob o Título: “Fon-fon businando a modernidade”, recortamos o texto:

“O título da revista, inspirado no som de uma buzina de carro, Fon-Fon!, não poderia ser mais sugestivo para anunciar, na capital do país, a chegada do século XX com todas as suas mudanças, seja no campo industrial e tecnológico, com os automóveis alcançando velocidades incríveis para a época; seja no campo urbanístico, com ações que mudavam a paisagem da cidade, como a construção da Avenida Central pelo Prefeito Pereira Passos; seja no campo cultural e social, no qual fervilhavam a irreverência e a mudança de comportamentos. Editada pelos intelectuais Gonzaga Duque, Mario Pederneiras e Lima Campos, a Fon-Fon! surgiu no Rio no ano de 1907 e circulou até 1958. O Rio de Janeiro era o centro de uma modernidade que irradiava novidades para todo o Brasil, registrada nos textos irreverentes e bem-humorados da revista e nas ilustrações de J.Carlos, Raul Pederneiras e K.Lixto, que os acompanhavam. Seus idealizadores eram simbolistas na contra-mão do positivismo, que marcava a cultura brasileira da época. Discutiam a condição humana e se dedicavam a pesquisar novas linguagens artísticas. Álvaro Moreira, um dos seus colaboradores, escrevia suas crônicas em versos que contavam os novos costumes e a vida nos cafés cariocas. Di Cavalcanti também marcou sua presença na Fon-Fon!, criando capas que marcaram época. Sem esquecer o envolvimento da revista em campanhas como a das “sufragistas”, que defendiam o voto feminino. Para comemorar o centenário do surgimento da revista, a Fundação Casa de Rui Barbosa promoveu um encontro comemorativo, em abril de 2007. O evento inspirou os quatro artigos que publicamos neste volume dos Cadernos da Comunicação – Série Memória, escritos pelas pesquisadoras Joëlle Rouchou, Cláudia Oliveira, Monica Pimenta Velloso e Vera Lins.”

O histórico do Principado da Poesia Brasileira teve início no mesmo ano do surgimento da Revista FON-FON: 1907. À oportunidade foi eleito, por intelectuais de várias regiões, o poeta, “Ourives da Linguagem”, Olavo Bilac (1865-1918), em concurso divulgado pelo Magazine em várias partes do país. Assim o autor do poema “Via-Láctea”

se tornou o mais popular dos poetas do seu tempo. Os leitores e a crítica enalteciam e enaltecem, até os dias atuais, a poesia que canta as estrelas e que foi musicada e gravada pelo cantor da MPB, Fagner:

Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo  
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvi-las, muita vez desperto  
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto  
A via-láctea, como um pátio aberto,  
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,  
Inda as procuro pelo céu deserto.  
(...)

BILAC. O *Poesias*, 1884/1887 (1888), p. 37

O segundo eleito foi Antônio Mariano Alberto de Oliveira, também em enquete promovido pela referida Revista, em 1924. Com Bilac e Raimundo Correa, Alberto de Oliveira, formou a tríade do parnasianismo brasileiro. O poeta foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Nasceu no Rio de Janeiro em 1857. Faleceu em 1937.

O título se deve ao fato de Alberto de Oliveira ser considerado o mais parnasiano dos poetas. Sua poesia era pautada em ricas descrições e que traduziam certa visão filosófica da vida e das coisas, além de possuir poemas impecáveis, dentro das normas das poéticas de sua época. Portanto o mais ortodoxo. O poema “Vaso chinês” é um modelo do Parnasianismo Brasileiro com a célebre descrição:

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o.  
Casualmente, uma vez, de um perfumado  
Contador sobre o mármore luzidio,  
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado,  
Nele pusera o coração doentio  
Em rubras flores de um sutil lavrado,  
Na tinta ardente, de um calor sombrio.  
OLIVEIRA, A *Sonetos e poemas* (1886), p.83

O terceiro Príncipe dos Poetas Brasileiros foi Olegário Mariano Carneiro da Cunha (Recife, 1889 -1958). Eleito em 1938. Seu primeiro livro *Angelus* surgiu aos 22 anos, em 1911.

Sua poesia conseguiu realizar a tradução de um sincretismo parnasiano-simbolista de transição para o Modernismo. Seu texto poético chamava a atenção por

apresentar os ares novos do modernismos e conservar a proposta do formalismo parnasiano com a sinestesia do simbolismo. O poema “Paganismo” expressa com propriedade essa travessia da estética que, embora ainda radicada em alguns princípios Parnasianos e Simbolista, já prenuncia uma certa modernidade:

Sinto às vezes horror do modo diferente  
Com que em louca emoção voluptuoso te espio,  
Meu suave amor que tens a figura inocente  
De um lírio muito branco, um lírio muito frio.

Ao meu olfato chega o perfume doentio  
Do teu corpo mudado em corpo de serpente:  
E através desse aspecto anêmico e sombrio  
Meu desejo passeia alucinadamente.

(...)

MARIANO, O. *Angelus* (1911).

O 4º Príncipe dos Poetas Brasileiros, Guilherme de Andrade de Almeida (Campinas –SP, 1889 - 1969), em 1930 ingressou na Academia Brasileira de Letras. Foi o primeiro "Modernista" a ocupar uma cadeira naquele sodalício. Era considerado o artista do verso. Para o poeta Manuel Bandeira foi o maior em língua portuguesa. Participou ativamente na realização da Semana de Arte Moderna em 1922.

Guilherme de Almeida, o mestre e precursor do Haikai no Brasil, foi eleito pelo jornal *Correio da Manhã*, em 1958.

#### **Consolo**

A noite chorou  
a bolha em que, sobre a folha,  
o sol despertou.

#### **Os andaimes**

Na gaiola cheia  
(pedreiros e carpinteiros)  
o dia gorjeia.

ALMEIRA, G. *O Anjo de Sal* (1951), p. 42

O 5º e atual Príncipe dos Poetas Brasileiros é Paulo Lébeis Bomfim (São Paulo/30/09/1926). Seu primeiro livro *Antônio Triste*, de 1946, recebeu o Prêmio Olavo Bilac, concedido pela Academia Brasileira de Letras, em 1947. Bomfim é decano da Academia Paulista de Letras.

Sua poesia, vinculada à Geração de 1945, tem como um dos temas preferidos a cidade de São Paulo. Desde 1947 percorre longa e fértil caminhada no verso e na crônica, reinventando uma aliança feliz, entre dois gêneros literários que por vezes se completam. “Som Distante” elucida e sinaliza características de sua poesia como em o

### SOM DISTANTE

Pela janela aberta para o céu de estrelas,  
 Penetrou, pelo meu quarto adentro,  
 O rumor de um corpo que é lançado ao mar!  
 A eleita de meus sonhos  
 Teve por última morada  
 O fundo do Oceano!

Seus cabelos loiros são agora  
 Mensagens da luz do sol  
 No abismo das águas.  
 Seu corpo, muito branco,  
 Quando livrar-se da mortalha  
 Que os marinheiros rudes coseram,  
 Será, na imensa noite oceânica,  
 Um raio de luar a percorrer abismos.

Do livro Antônio Triste, 1946  
 In: BOMFIM, Paulo. Antologia poética. São Paulo: Martins,  
 1962. p.40

### O principado da poesia brasileira

ORDEM	POETA (NASCIMENTO E MORTE)	TÍTULO INÍCIO FIM	INDICAÇÃO OUTORGA	DURAÇÃO DO TÍTULO
1º	Olavo Bilac (1865-1918)	1907-1918	Revista Fon-Fon	11 Anos
2º	Antonio Mariano Alberto de Oliveira (1857-1937)	1924-1937	Revista Fon-Fon	13 Anos
3º	Olegário Mariano Carneiro da Cunha (1889 -1958)	1938-1958	Revista Fon-Fon	20 Anos
4º	Guilherme de Andrade de Almeida (1889 - 1969)	1958-1969	Jornal Correio da Manhã	11 Anos
5º	Paulo Lébeis Bonfim (1926)	1969- Até os dias atuais		48 Anos

## O principado da poesia em Goiás

Em Goiás, a história dos Príncipes dos Poetas, se concretizou, ainda na década de 1920 por meio da seleção, indicação e escolha, entre os intelectuais da época na, então, capital do Estado, Vila Boa, atual Cidade de Goiás. O pleito era registrado e divulgado no jornal O Democrata, de Antônio Ramos Caiado, (o Totó Caiado), daquela cidade.

O primeiro goiano a ocupar o honroso título foi Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira (Cidade de Goiás, 1883. Bonfim, atual, Silvânia, 1923). Seu nome foi sugerido e aprovado por uma plêiade de intelectuais, para outorgar o título de Príncipe do Poetas Goianos. Por narrar, poeticamente, as belezas de seu torrão, Goiás; era chamado “Cassimiro de Abreu Goiano”.

*Noites Goianas*, um dos poemas mais conhecidos de Joaquim Bonifácio, se tornou um hino de louvor a Goiás. Criado na década de 1930, foi musicado por Joaquim Santana, era cantado nos saraus e tertúlias promovidos no início do século passado. Nos dias de hoje é apresentando, com todo encantamento, nos eventos culturais, cuja versão é interpretada por cantores de renome: Marcelo Barra, Maria Augusta Callado, Eli Camargo, Maria Eugênia e tantos outros. É assim:

### NOITES GOIANAS

Poema musicado por Joaquim Santana

Tão meigas, tão claras, tão belas, tão puras  
Por certo não há!  
São noites de trovas, de beijos de juras,  
As noites de cá...

Em Nice, em Lisboa, na Itália famosa  
Tais noites não há...  
São noites somente da pátria formosa  
Do índio Goiá...

As noites goianas são claras, são lindas  
Não temem rivais!  
Goianos, traduzem doçuras infindas  
As noites que amais...

Goianos as sonham, da pátria saudosos,  
Nas terra de lá...  
São noites de risos, de afetos, de gozos,  
As noites de cá...

SIQUEIRA. J. *Alguns versos*; em Reedição na comemoração dos 20 anos da Ed. Kelps. Goiânia-GO; 2003, p. 38

Cyllenêo Marques de Araújo Valle – O Léo Lynce (Piracanjuba, antiga Pouso Alto, 1889 - Goiânia, 1954), anagrama que escolheu como escritor, foi o segundo Príncipe dos Poetas Goianos. Seu livro *Ontem*, publicado em 1928, marca o início do modernismo em Goiás, cujos poemas livres, imagéticos, fortes e por vezes telúricos, rompiam com a lírica tradicional, vigente da época. Até sua morte, em 1954, aos 70 anos, foi o Príncipe dos Poetas Goianos. Sua indicação foi feita pelo jurista e jornalista Gercino Monteiro e aclamada por intelectuais da época, publicada no jornal O Democrata.

O poema *No Banquete* marca sua imersão no modernismo.

#### NO BANQUETE.


Do alto dos seus bordados o General falou:  
— Meio século, senhores, a serviço da Pátria.  
Falaram depois o doutor e o magnata.  
Outros mais falaram no banquete da vida nacional.

Só o roceiro miúdo não falou nada.  
Porque não sabia nada.  
Porque estava ausente,  
Perrengando,  
Indiferente,  
Curvado sobre o cabo da enxada,  
com o Brasil às costas.

LYNCE, Leo. *Ontem* (1928)

O terceiro príncipe da poesia produzida em Goiás, José Xavier de Almeida Júnior, nasceu na Cidade de Goiás, antiga capital do Estado de Goiás, no Palácio Conde dos Arcos, residência do governador (seu pai era, o então, governador do estado em 1902. Nasceu no Palácio como predestinado a ser um príncipe). Foi médico pela Universidade do Brasil no Rio de Janeiro. Formado, em 1926, retorna ao Estado para clinicar em várias cidades e na capital. Poeta culto, sensível e conhecedor da literatura universal, revela, na poesia, suas influências das escolas parnasianas, simbolistas e modernas.

O título de Príncipe dos Poetas Goianos foi outorgado a Xavier de Almeida, em 03 de março de 1973, por iniciativa da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás – AFLAG. O poeta foi coroado dezanove anos após o passamento de Leo Lynce. A indicação foi referendada pelas Instituições Culturais de grande representação do Estado



de Goiás, tais como Academia Goiana de Letras (AGL) e União Brasileira de Escritores – Sessão Goiás (UBE-GO).

José Xavier de Almeida Júnior foi o primeiro poeta a introduzir o Haicai em Goiás. Cantando sua aldeia, que tanto amou, reverencia o nosso Rio Araguaia no poema do mesmo nome:

#### ARAGUAIA

Plácido curso de água verde-clara,  
Mar sem ondas e rio sem cachoeiras,  
Quem seus matizes trêmulos pintara,  
Do sol às lentas luzes derradeiras?

Se do leito surgisse alguma iara,  
Lascivo o gesto e as formas feiticeiras,  
Quem sabe, aos seus encantos se entregara  
O índio que busca as ermas ribanceiras?

Dança a ubá sobre a tona, leve e esguia.  
O índio, de pé na proa, o arco distende  
E sonda o fundo com a mirada fria.

A emoção de ferir um peixe enorme  
Sacode o corpo todo ao brônzeo duende.  
E a noite desce... e o grande rio dorme.

JÚNIOR. A. *A Canção do Planalto* (1942), p. 84

O quarto poeta goiano, a receber o honroso título, foi o escritor que se vestiu de Luiz Vaz de Camões para falar de sua ‘aldeia’: o Estado de Goiás.

O poeta-crítico Gilberto Mendonça Teles (Bela Vista de Goiás, 1931) percorre todo o mundo, em palestras, cursos, encontros, etc. Reside, há muito, aqui na cidade do Rio de Janeiro, mas sua alma se aquieta e encontra guarida nos ermos goianos.

Gilberto Mendonça Teles é um dos maiores expoentes da literatura brasileira. No Livro *Saciologia Goiana*, o poeta demonstra todo seu lírico afeto por Goiás. São vários poemas que percorrem as veias e artérias goianas, na geografia que transforma o nosso estado num tapete de verbos e versos no canto equilibrado, racional e poético, que só ao artista é capaz de produzir. Vejamos em “*Lira Goiana*” onde Gilberto se faz fragmento, margem, fronteira, localidades, fauna, flora, caminhos e hidrografia para derramar-se nos limites goianos:



## LIRA GOIANA

Repertam meu corpo pelos rios de Goiás:  
a mão esquerda acariciando as águas do Araguaia,  
a direita desenhando os rumos do Paranaíba,  
os pés brincando nas águas do Aporé e do Verdão,  
a cabeça na junção de Araguaia e Tocantins  
(quero governar daí as artimanhas e latifúndios),  
os joelhos no Rio dos Bois e no Caiapó,  
o sexo bem enterrado na lama do Meia-Ponte,  
Mas deixem minha alma no Rio das Almas,  
deixem meu coração batendo no Rio Turvo,  
deixem minha língua nas areias do Corumbá  
os meus olhos secando nalguma lagoa  
para a alegria dos bares, dos lobos  
e das piranhas traidoras.  
Ah! Deixem também meu cachimbo fumegando  
nos borrifos de luz da Cachoeira Dourada:  
quero ser como um instante de arco-íris  
nos olhos das mulheres de Goiás.

*Hora Aberta* (2004) p. 247

Professor –crítico– poeta Gilberto Mendonça Teles será o Príncipe dos Poetas Goianos *ad vitam*, ou seja, enquanto vida tiver. Que ele esteja por muito tempo em todos os lugares onde habita sua verve poética, especialmente na geografia goiana e nos corações dos goianos que aplaudem seu sucesso universal e acalentam seu nome no berço, que se sente esplêndido, por ter embalado seu ilustre filho - o Príncipe Gilberto Mendonça Teles.

## GOIÁS

Só te vejo Goiás, quando me afasto  
e, nas pontas dos pés, meio de banda,  
jogo o perfil do tempo sobre o rastro  
desse quarto-minguante na varanda.

(...)

E, quanto mais te busco e mais me esforço,  
de longe é que te vejo, em filigrana,  
no clichê de algum livro ou no remorso  
de uma extinta pureza drummondiana.

Só te vejo, Goiás, quando carrego  
as tintas no teu mapa e, como um Jó,  
um tanto encabulado e meio cego,  
vou-me jogando em verso, em nome, em GO.

### O principado da poesia em Goiás

ORDEM	POETA (NASCIMENTO E MORTE)	TÍTULO INÍCIO-FIM	INDICAÇÃO/ OUTORNA	DURAÇÃO DO TÍTULO
1º	Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira (1883-1923)	+/- 1920 1923	Indicação e aprovação de intelectuais. Divulgação no Jornal O Democrata	03 Anos  (Provavelmente)
2º	Cyllenêo Marques de Araújo Valle – O Léo Lynce (1889 - 1954)	1924 1954	Jurista e jornalista Gercino Monteiro Guimarães. Indicação e aprovação de intelectuais. Publicação no Jornal O Democrata	30 Anos
3º	José Xavier de Almeida Júnior (1902 - 1979)	1973 1979	Pela Academia feminina de Letras e Artes de Goiás com apoio das Instituições Culturais	06 Anos
4º	Gilberto Mendonça Teles (1931)	De 1979 até os dias atuais	Pela Academia feminina de Letras e Artes de Goiás com apoio das Instituições Culturais	38 Anos  (Em vigência)

Todos os poetas classificados de Príncipes, cada um, em seu tempo, estilo literário e vivência poética, corroboram o ensaio de Giorgio Agambem (2009) sobre o que é contemporâneo:


...o contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo. (p.62)

O poeta - o contemporâneo - deve manter fixo o olhar no seu tempo. (...) Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente.

AGAMBEM, 2009, p. 62/64

Nesse sentido, a poesia tem o poder de ser uma criação auto suficiente, com uma contemporaneidade sempre presente, plurissignificativa, fruto de uma existência solitária e solidária que, de sua individualidade e de seu intimismo, derrama raios de luzes poéticas, clareando a escuridão.

O artista da palavra expõe seu conhecimento a respeito da vida com a gratuidade própria da obra literária. A arte da palavra constitui sua matéria de luta, seu arco, sua defesa por um mundo melhor e, ao mesmo tempo, sua Lira, sua emoção,



seu êxtase, seu delírio e seu prazer, organizado em linguagem. E, como expõe Otávio Paz, em sua obra “O Arco e a Lira” (1982):

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. (p.16)

O poeta é um homem que sente a vida com mais intensidade, é ao mesmo tempo, sonhador e racional; ao mesmo tempo, chora e denuncia. O profeta tem o dom de prever, a coragem de censurar, de denunciar a tempo os infortúnios e as catástrofes. O poeta censura os erros passados e presentes. O profeta prevê o futuro. Ambos lutam por um amanhã melhor, cada um ao seu modo.

A palavra é a arma do poeta. Ele forma, nas páginas da vida, a sua construção imaginária, dentro da linguagem. Com habilidade, delineia a sintaxe invisível da poesia e, deixa para o leitor, suas imagens limpas, com significação pluriforme, rica e eterna. O poema surge pelas ondas das metáforas, do ritmo, dos versos que guardam os segredos das palavras, do poeta e da poesia, que se torna eterna à medida que esconde os segredos da linguagem. O poeta à medida que penetra, senhor de si, no reino das palavras, ilumina a escuridão que habita o homem, por intermédio do seu Verbo e de seu sentimento do mundo: da melhor forma possível, como se fosse o senhor da Palavra, o Príncipe da Linguagem Poética.

Diante do exposto, os Príncipes da poesia deixam como legado, o preceito clássico da Aretê (a Αρετή dos gregos): “*fazer o melhor que se pode...*”. Demonstram que o ato criador é duplo: intuição e reflexão. E que a criação poética é mais que inspiração: é transpiração. Seguiram e seguem o princípio defendido por Edgar Allan Poe: “nenhum ponto de composição se refere ao acaso ou à intuição, o trabalho caminhou passo a passo até completar-se, com a precisão e a sequência rígida de um problema matemático”.

Gilberto Mendonça Teles defende que a Poesia (com P maiúsculo) é uma linguagem especial, encantatória e lúdica. É também abstrata na sua essência e concreta na estrutura artística do poema. Uma de suas funções é trazer à lume o sentimento que,

por muito simples (às vezes) e/ou pequeno, se torna invisível e insensível, a muitos, diante do turbilhão, da intensidade e das exigências do cotidiano.

Por intermédio da língua e do conhecimento de sua arte, o poeta constrói sua linguagem no poema. A arte poética dos Príncipes dos Poetas está inserida na categoria da poesia, com P maiúsculo: aquela que possui uma linguagem especial, encantatória, lúdica e, que é, antes de tudo, prazer, que traz sobressalto do pasmar o momento e nos ensina a pensar o que é pensar.

### **Referências bibliográficas**

- AGAMBEN, Giorgio Agamben. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Argos. Chapecó, 2009.
- AFLAG. Anuário 1973/1974. Goiânia: Ed. Lider, 1974.
- ALMEIDA, Guilherme de. *O Anjo de Sal*, 1ª edição. São Paulo: Edições Alarico, 1951.
- BILAC, Olavo. *Obra reunida*. Org. e introd. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.
- BOMFIM, Lébeis. *Antônio Triste*, 1946. . In. BOMFIM, Paulo Lébeis. *Antologia poética*. São Paulo: Martins, 1962. p.40.
- BONIFÁCIO, Joaquim. *Alguns versos*; Ed. Kelps. Goiânia; 2003.
- LYNCE. Leo. *Ontem*. São Paulo. SP: Ed. Revista dos Tribunais, 1928.
- MARIANO, Olegário. *Castelos de Areia. Poemas de Olegário Marianno*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello, 1923.
- OLIVEIRA, Alberto. Sonetos e poemas, 1886. In. Alberto de Oliveira: Poesias Completas (Org. Marco Aurélio Mello Reis), Núcleo Editorial UERJ, 1978.
- PAZ, Octávio. *O Arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- POE, Edgar Allan. *Poemas e ensaios*. Rio de Janeiro: Globo, 1985.
- TELES. Gilberto Mendonça. *Hora Aberta*. 4ª Ed. dos Poemas Reunidos. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Estudos Goianos. A poesia em Goiás (estudo/antologia)*. 2. Ed. rev. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Goiás e Literatura*. Goiânia: Editora E.T.G, 1964.